

PARA UM DICIONÁRIO DE VARIANTES ORTOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA¹

Alice Maria Teixeira de Saboia *
Deusa Fonseca Raposo de Medeiros *
Ingrid Nancy Sturm *

ABSTRACT: *This paper approaches the relationships between the linguistic variation and the orthographic variation in the language's dictionairies. Two kinds of orthographic variation are discussed: the predictable variation in the Portuguese Orthographic Agreement of 1990, and the non-predictable ones.*

Key-words: Lexicography - lingüistic variation - ortography - Portuguese - Terminology.

RESUMO: *Neste artigo expõe-se uma proposta de elaboração de um dicionário de variantes ortográficas da língua portuguesa, tendo em vista o fato de que os dicionários de língua ainda que, em parte, registrem essa variação, minimizam os problemas dela decorrentes, o que cria uma certa dificuldade de consulta para os usuários. Por outro lado, os sistemas ortográficos oficiais da língua portuguesa não alcançam todas as hipóteses da variação ortográfica comprovada na pesquisa, uma vez que parte importante dessa*

¹ - Este trabalho é subproduto do projeto de pesquisa Variantes Ortográficas da Língua Portuguesa, em desenvolvimento no Departamento de Letras/ICHS/CUR/UFMT, contando com a colaboração dos seguintes bolsistas de Iniciação Científica do Convênio CNPq/UFMT: Célio A. Tibes Jr., Daisy P. Primo, Elba G. da Silva, Eridam F. Beltrão, Juliana M. Ferreira, Kédma M. Mendonça, Núbia P.R. de Oliveira e Rosângela F. Cadidé.

* - Professoras do Departamento de Letras/ICHS/CUR/UFMT.

variação, principalmente nas línguas de especialidade, não tem referência explícita nos dicionários de língua.

Unitermos: **Variação lingüística – Ortografia – Língua Portuguesa – Lexicografia – Terminologia.**

A variação lingüística é um fenômeno facilmente constatado e recebeu grande atenção dos lingüistas a partir da Escola de Praga que, dentro de suas propostas, preconizou a necessidade de se estabelecer qual a língua padrão, o que, obviamente, implica que se admita a existência de outras normas dentro do sistema, gênese da Sociolingüística. Essa tendência alcançou o auge com LABOV, na década de 70, com maior ênfase para os aspectos fonéticos da variação, como indicadores das origens sociais dos usuários das diferentes normas, em face do inglês padrão. Vale destacar, contudo, que os estudos da variação lingüística, nessa perspectiva, contemplavam apenas a língua oral, recortando-se as realizações fonéticas como traços estigmatizadores dos grupos estudados.

É, no entanto, de se considerar que a variação lingüística alcança os diferentes níveis da formulação da linguagem, ou seja, atinge os aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, observados nos diversos universos discursivos, tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita.

O recorte que se faz, neste artigo, leva em conta apenas as normas oficiais escritas da língua portuguesa. Deste modo, destaque-se, aqui, a diferença entre escrita e ortografia, do que decorre a distinção entre variação gráfica e variação ortográfica, a saber: enquanto a primeira alcança qualquer representação gráfica não oficial, referente a qualquer norma, e não subordinada aos critérios de correção, a segunda diz respeito, exclusivamente, à escrita correta (oficial) da norma

culta, resgatando-se, assim, a etimologia da palavra “ortografia”.

Convém lembrar que a normalização da escrita da língua portuguesa, tanto no Brasil como em Portugal, tem ficado, historicamente, sob a chancela das Academias (a Brasileira de Letras e a das Ciências, de Lisboa), que nem sempre têm baseado suas propostas em pesquisas desenvolvidas, dentro das universidades, pelos especialistas no assunto. Advém disso que essa normalização tem-se sustentado em critérios de diferentes naturezas, tais como: o critério da hegemonia política das normas, o critério etimológico e o critério fonético, aplicados simultaneamente, ou não, o que determina uma definição pouco ortodoxa do critério de correção; ora a forma correta é a que tem hegemonia política, ora a forma correta é a definida pelo critério etimológico, ora a decorrente da aplicação do critério fonético ou, ainda, às vezes, pela junção de dois ou de todos os critérios.

Como corolário, tem-se que a escrita oficial da língua portuguesa está longe de alcançar a unificação tão almejada pelas Academias, nas várias tentativas de acordo, em consequência da tentativa de imposição de um critério político, pelo qual a escrita da norma culta vigente, em um dos países, seria imposta aos outros.

Desse modo, tendo em vista, principalmente, o critério político, há uma variação ortográfica prevista nos sucessivos Acordos firmados entre Brasil e Portugal, estendendo-se, o mais recente, aos outros países lusófonos.

Ocorre que essa variação, prevista oficialmente, é constatada, principalmente, em relação à escrita do léxico comum, ainda, que no próprio texto do referido Acordo esteja contemplada a necessidade de que se elabore um vocabulário comum para as terminologias científicas e técnicas.

Neste trabalho, demonstra-se que os usos facultativos previstos excluem uma variação ortográfica não descrita nos termos do Acordo, mas verificada em dicionários de língua, brasileiros e portugueses, constituída de formas consideradas

corretas, conforme será demonstrado no corpo deste artigo, o que permite, inclusive, formular uma tipologia da variação ortográfica verificada no universo pesquisado até o momento..

Os dicionários de língua, normalmente, têm sua macroestrutura constituída de entradas ou vocábulos em geral, apresentados numa ordenação alfabética, contemplando, desse modo, tanto vocábulos que tenham uma única forma ortográfica, quanto os que têm mais de uma forma (intranorma), com o que se tem minimizada a questão da variação ortográfica no que toca ao usuário.

Acrescente-se a isso que certos dicionários, como, por exemplo, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2ª ed. revista e ampliada), Editora Nova Fronteira, RJ, 1986, (exemplar impresso em 1998), propiciam uma certa confusão, para o usuário, entre variação gráfica e variação ortográfica, já que apresentam, a título de corruptela, a escrita não correta, registrada como variação regional e/ou popular, o que leva o usuário a tomar como correta, porque dicionarizada, qualquer uma dessas formas. Veja-se, como exemplo disso, treição vs. traição, em que a primeira forma é citada, no aludido dicionário, como sendo uma forma brasileira popular e antiga; manimolência (brasileirismo nordestino popular, variação de manemolência). Além disso, ressalte-se o descaso com que algumas reedições foram tratadas, se não, veja-se a forma "vótos" (sic), ilustrando a acepção número 2 do verbete *escrutínio*, na página 692 da edição acima referida.

Com efeito, ainda que os órgãos encarregados da normalização ortográfica da língua portuguesa tenham apontado as possibilidades de variação, não existe, ainda, um trabalho específico, voltado para essa finalidade, quer como decorrência de pesquisa acadêmica, quer como decorrência das próprias atribuições das Academias, posto que elas buscam a unificação da escrita, e um trabalho como esse seria um paradoxo em relação aos seus objetivos principais.

O trabalho de pesquisa que fundamenta, em parte, este artigo, visa à elaboração de um dicionário de variação ortográfica da língua portuguesa, de forma diferente do proposto oficialmente, no Acordo, que prevê a elaboração e edição de “um vocabulário ortográfico comum da língua portuguesa, tão completo quanto desejável e tão normalizador quanto possível, no que se refere às terminologias científicas e técnicas”.

A definição dos critérios que norteiam a identificação das variantes ortográficas, neste trabalho, funda-se na noção clássica do signo (significante + significado), o que permite situar a variação ortográfica no nível do significante gráfico, tomado em face de uma diferença mínima não significativa, variação esta similar à variação fonológica detectada pela aplicação das premissas de análise fonológica da Escola de Praga.

Desse modo, foram estabelecidos os seguintes procedimentos de análise, assentados em critérios distintivos, a saber:

- 1 - verificar se a diferença mínima (segmental) é apenas de uma ou de duas letras, na representação do fonema (critério básico). Exs.: *aspecto/aspeto*, *recta/reta*; (variações internormas) e *cota/quota*, *cociete/quociete* (intranormas);
- 2 - verificar se a diferença mínima (supra-segmental), ou seja, de acentuação gráfica é, ou não, distintiva no plano do significado. Exs. *idéia/ideia*, *gênese/génese*;
- 3 - verificar se a diferença gráfica segmental, ou supra-segmental, é, ou não, distintiva, do ponto de vista do significado, no caso, paronímia. Exs.: *pato/pacto*; *metrô/metro* (paronímicos apenas intranorma);

- 4 - verificar se a paronímia detectada apresenta variação ortográfica no seu interior. Exs.: quadradura/quadratura, falcado/falcato, ligadura/ligatura, etc.;
- 5 - verificar se a homonímia detectada apresenta variação ortográfica, no interior de cada uma das unidades lexicais, com ou sem debordamento. Exs.: *cato/cacto; pato/pacto, fato/facto; farol/faro etc.*;
- 6 - verificar se a diferença, mínima que seja, é apenas ortográfica ou, também, morfológica. Exs.: *equipe/equipa; detetive/detective/detectiva, diorite/diorito, etc.*;
- 7 - verificar se a variante detectada pertence à língua comum ou à língua de especialidade. Exs.: *ligadura* (léxico comum)/*ligatura* (língua de especialidade, das áreas de tipografia e medicina, especificamente, cirurgia).

Levando-se em conta a variação, no nível do significante gráfico, ou ortográfico, é possível ter-se uma variação máxima, sinónímica, como, por exemplo, entre os adjetivos *belo e bonito*; uma variação intermediária, morfológica, como em *campineiro e campinense* e uma variação mínima, ortográfica, como em *objetivo e objectivo, correção e correcção*. Como se vê, no caso dos sinónimos, tem-se uma variação extrema do significante e uma aproximação do significado; no caso da variação morfológica, tem-se uma alternância de morfema sufixal e uma equivalência do significado, ao passo que, na variante ortográfica, tem-se o mesmo significado e significantes ligeiramente diferentes, diferença essa que é de um, ou de dois segmentos gráficos, o

que não afeta a constituição do signo que continua sendo o mesmo. Já na sinonímia, a exemplo da variação morfológica, trata-se, efetivamente, de signos distintos, tomados do ponto de vista do significado.

O Acordo Ortográfico de 1990 coloca como de usos facultativos, aqui considerados como variações previstas, os seguintes casos:

I - Variação segmental, no uso das letras:

a) quando existe realização fonética em uma das normas cultas, ou quando há oscilação entre realização ou não realização fonética, como nos seguintes exemplos: *corrupto/corruto; recepção/receção/ dicção/diçção;*

b) quando há oscilação entre a prolação e o emudecimento do *b* da seqüência *bd*, do *g* da seqüência *gd*; do *m* da seqüência *mn* e do *t* da seqüência *tm*, como nos seguintes exemplos: *súbdito/súdito, subtil/sutil, amígdala/amídala, amigdalite/amidalite, omnisciente/onisciente, aritmética/arimética, etc.*

II - Variação supra-segmental:

a) quando se trata da variação supra-segmental internormas, considerando a qualidade da vogal, aberta ou fechada, nos casos de acentuação gráfica dos oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos, como se vê nos exemplos abaixo: *bebê/bebé, crochê/croché, purê/puré, nenê/nené; ônus/ónus, bônus/bónus, pônei/pónei, tênis/ténis, fenômeno/fenómeno, sinônimo/sinónimo, homônimo/homónimo, gênese/génese, etc.* Determinados exemplos, constantes no Acordo, e que ilustram a variação supra-segmental, não se configuram em variação, em termos da norma brasileira, posto que marcam a escrita de signos distintos. É o caso de *cocó* e *cocô* e de *metrô* e *metro*;

b) quando se trata do uso facultativo do acento agudo nas formas do pretérito perfeito do indicativo, para

marcar sua oposição com as formas do presente do indicativo: *amámos/amamos, cantámos/cantamos, etc.*;

c) quando se trata do uso facultativo do acento circunflexo nas formas da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, para distingui-las das formas da 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo: *dêmos/demos, contêmos/contemos, etc.*

Vale a pena ressaltar, ainda, a variação ortográfica determinada pelo uso do trema, ainda obrigatório no Brasil, e não utilizado em Portugal. Assim, não é demais salientar que o trema marca a distinção entre os dígrafos *gu* e *qu* e os não-dígrafos *qü* e *gü* diante das vogais *i* e *e*, como em *queda* (dígrafo) e *seqüela* (não dígrafo); *quilo* (dígrafo) e *tranqüilo* (não-dígrafo), ou então em *guerra* (dígrafo) e *lingüeta* (não dígrafo) e, ainda, *guitar* (dígrafo) e *lingüiça* (não dígrafo).

Além da variação acima descrita e ilustrada (prevista no Acordo), neste trabalho aponta-se, também, uma variação ortográfica da seguinte ordem:

1) alternância da representação ortográfica referente às consoantes oclusivas surdas e sonoras, como em *quadradura* x *quadratura*, *falcado* x *falcato* e *ligadura* x *ligatura*;

2) alternância de realizações fonéticas das vogais anteriores alta alta [i] e alta baixa [e], com repercussões ortográficas, como em *vencelho* e *vencilho*; *farripa* e *farrepa, etc.*;

3) alternância de realizações fonéticas entre fonemas inteiramente distintos, como /r/ e /ʎ/, como segundos elementos em grupos consonantais: *freimão* e *fleimão*, ambos com a acepção de inflamação do tecido celular;

4) conjunção de dois tipos de variação em um mesmo item lexical, ou seja, variação morfológica com repercussão

ortográfica, cumulativa ou não, como em *equipe/equipa*, *detective/detectiva* (intranorma) e *detective/detetive* (internormas), *felpo/felpa*, etc.;

As questões acima levantadas apontam para a necessidade da elaboração de uma obra que contemple a facultatividade do registro escrito das variantes ortográficas das normas oficiais da língua portuguesa, quer seja a do Brasil, quer seja a de Portugal e dos demais países lusófonos.

Cumpre, ainda, esclarecer que o presente artigo aborda apenas a variação ortográfica já dicionarizada, restando, entretanto, promover o levantamento da variação não-dicionarizada, aquela, provavelmente, constante nas obras técnico-científicas, uma vez que a maior parte dos vocábulos que apresentam a variação ortográfica não-prevista, encaixa-se, exatamente, nas línguas de especialidade, como, por exemplo, no vocabulário da Medicina, da Geometria, da Tipografia, da Astronomia, etc., conforme se tem constatado nesta pesquisa, o que parece indicar que a variação estimada, em torno de 2% de um total de cerca de 110.000 palavras, no texto do último Acordo Ortográfico da língua portuguesa, poderá ultrapassar esse percentual.

BIBLIOGRAFIA;

BARBOSA, M. A. (1996) "Reflexions semantiques sur l'article dans l'oeuvre lexicographique". In: *Acta semiotica et lingvistica. Revista Internacional de Semiótica e Lingüística*. São Paulo, Ed. Plêiade.

_____. "Dicionário, vocabulário, glossário: concepções". In: *Revista do Centro de Tradução e Terminologia (CITRAT)*, São Paulo, FFLCH-USP, 15 p (no prelo).

CARDOSO, M. E. (1988) Entre irmãos e cavalheiros: um saudável desacordo". In: LELLO, E. *A questão do Acordo Ortográfico*. Maia-Portugal, Maiadouro.

- CASTRO, I. et al. (1987) *A demanda da ortografia portuguesa. Comentário do Acordo ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da Questão que se lhe seguiu*. Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- CATACH, N. (1995) *La variation graphique et les rectifications de l'orthographe française*. Paris, Larousse.
- HANSE, J. et al. (1988) *Pour l'harmonisation orthographique des dictionnaires-* (Avant-propos de HANSE, Joseph, Président du CILF (Conseil International de la Langue Française).
- HOUAISS, A. (1991). *A nova ortografia da língua portuguesa*. SP, Ática.
- LUFT, C. P. (1980) *Novo guia ortográfico*. Globo, Porto Alegre, RS.
- KURI, A. da G. (1982) *Ortografia, pontuação, crase*. RJ, FENAME.
- MORAES, C.B. (1984) "Tarefas prioritárias da Lexicografia Portuguesa; defeitos e deficiências dos dicionários portugueses". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, nº 6, pp.169-80.